

# A POLISSEMIA DO SAGRADO EM *DO AMOR E OUTROS DEMÓNIOS* DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

THE POLYSEMY OF THE SACRED IN *DO AMOR E OUTROS DEMÓNIOS* OF GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Marcel Franco da Silva<sup>(\*)</sup>

## RESUMO

No mundo inteiro se reconhece o talento e a produção literária do escritor de *Cem anos de solidão*. Gabriel García Márquez, o criador do realismo mágico na literatura latinoamericana, revela-nos não somente a junção entre realidade e fantasia, mas também revela os rastros da presença do sagrado em suas obras. Em *Do amor e outros demónios*, por exemplo, encontramos experiências religiosas que leva-nos à compreensão (hermenêutica) do nosso contexto atual. Esse romance merece destaque nessa pesquisa, porque nele o autor mostra que a religião faz parte da cultura, não como força dogmática, mas como grito das tradições religiosas que desde os séculos passados até os dias de hoje, são vítimas da intolerância social (Religiões de matriz indígena, africana). Mas *Do amor e outros demónios* é um texto cheio de vozes que nos mostra o pensamento mítico no tempo passado que nos faz pensar o tempo presente, trazendo polêmicas, entrelaços entre fé e medicina, entre culturas, mas procurando sempre evidenciar na sociedade como tais diversidades são acomodadas e interpretadas (sincretismo religioso dinâmico, hibridações culturais).

**PALAVRAS-CHAVE:** García Márquez. Literatura. Hermenêutica. Sincretismo. Ciências da Religião.

## ABSTRACT

In the whole world recognizes the talent and literary writer of *One Hundred Years of Solitude*. Gabriel García Márquez, the creator of magical realism in Latin American literature, reveals not only the junction between reality and fantasy, but also reveals the presence of traces of the sacred in their works. In *Do amor e outros demónios*, for example, found that religious experience leads us to understand (hermeneutics) of our current context. This novel deserves to be highlighted in this research, because in it the author shows that religion is part of the culture, not as dogmatic force, but as a cry of religious traditions which for ages past to the present day, are victims of social intolerance (Religions array indigenous, African). But *Do amor e outros demónios* is

---

<sup>(\*)</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Licenciado pleno em Letras - Língua Portuguesa, pela referida instituição. E-mail: marcelpa@hotmail.com. E-mail:pdsmarinho@gmail.com

a text full of voices that shows us the mythical thought in the past tense makes us think this time, bringing controversy, clashes between faith and medicine, between cultures, but always trying to show how such diversity in society are accommodated and interpreted (syncretism religious dynamic, cultural hybridization).

**KEYWORDS:** García Márquez. Literature. Hermeneutics. Syncretism. Sciences of Religion.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para entender a linguagem religiosa (símbolo, mito, rito), é necessário partir da experiência do sagrado que a própria linguagem quer comunicar. Do contrário, trabalha-se sobre termos sem seu correlato real na vida. (CROATTO, 2010, p. 41).

Compreender o homem é compreender a sua experiência religiosa que, invariavelmente, encontra-se inscrita no texto literário. Diante disso, somos conduzidos a observar/analisar literaturas que, principalmente, tenham afinidades com a nossa realidade, como forma de compreender a nós mesmo, numa atitude dialógica, e, também, que nos mostre as muitas significações construídas sobre o sagrado em nossa sociedade.

Por essa razão, acolheu-se a obra *Do amor e outros demônios*, do colombiano Gabriel García Márquez, pois, por meio dela, podemos apresentar contribuições hermenêuticas para o estudo das linguagens religiosas no contexto das sociedades latinoamericanas, das quais fazemos parte.

Nessa pesquisa, primeiramente, será apresentada uma resenha crítica da obra em questão, de maneira que, além de resumir o romance, far-se-á uma avaliação sobre ele, apontando os aspectos relevantes para o reconhecimento e para as interpretações do sagrado que podem ser captados em *Do amor e outros demônios*.

Em outro momento, veremos que os sentidos da obra de García Márquez revelam formas de sincretismo, sobre as quais se procurará compreender. Para isso, no entanto, dialogar-se-á com os aspectos do sincretismo das religiões afro-brasileiras, apontados pelo antropólogo Sérgio Ferretti (1995).

*Más adelante*, encontraremos análises sobre o sincretismo dinâmico, as quais derivam da personagem principal do romance, Sierva María Todos los Ángeles, que se relaciona com elementos não só da obra (Orixá Olokun), mas com outros extraliterários que são subentendidos (Maria Imaculada Conceição).

Sigamos os anúncios da pesquisa proposta, buscando entender aspectos religiosos que estão presentes não só nessa literatura, mas também na nossa sociedade...

## SEGUINDO OS RASTROS DO SAGRADO ATÉ O AMOR

Há quase três décadas (1982-2011), o escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-) foi laureado pela Academia Sueca com o prêmio Nobel de Literatura, pelo conjunto de sua obra. Em sua densa produção literária é sempre justo destacar o célebre romance *Cem Anos de Solidão*, publicado na Argentina em 1967. *Cem Anos...* é uma das obras mais importante da literatura hispânica e que além de representar uma metáfora do isolamento e da esperança na América Latina, leva nosso olhar crítico a verificar os rastros do sagrado e as experiências religiosas do povo latino. Todavia, tomemos essa questão da religião e da religiosidade para observar outro romance, de caráter fantástico<sup>1</sup>, do referido autor, intitulado *Do Amor e Outros Demônios*. A relevância que se confere a essa obra de García Márquez é necessária para as observações que surgirão neste texto, uma vez que *Do Amor e Outro Demônios* foi escolhido como objeto deste estudo, com vistas à compreensão hermenêutica das representações do sagrado na literatura, até porque o reconhecimento do sagrado, por meio dos absconditos, muitas vezes encontra-se circunscrito na tessitura literária. (AUERBACH, 2002, p. 1-3).

*Do Amor e Outros Demônios*, publicado em 1994, foi baseado numa experiência jornalística de Gabriel García Márquez na cidade de Bogotá (Colômbia), em 1949. O escritor observou o trabalho dos peritos na remoção das criptas funerárias do convento de Santa Clara e, durante essa expedição, o escritor foi surpreendido quando se deparou com uma ossada bicentenária com cabelos de 22 metros e 11 centímetros de comprimento. É claro que esse fato intrigou García Márquez e o levou a associar isso com uma lenda que sua avó contava sobre uma menina de 12 anos, filha de um marquês, considerada milagrosa pelo povo caribenho, que foi mordida por um cachorro que tinha o vírus da raiva e morreu por causa dessa doença infecciosa. Essa história mítica

<sup>1</sup> Ao observar as estruturas da narrativa literária, Todorov afirma que “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural”. A narrativa fantástica “implica uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que o leitor tem dos acontecimentos narrados; esse leitor se identifica com a personagem”. (TODOROV, 2008. p. 148-151).

e a constatação do fenômeno do crescimento contínuo do cabelo no ossuário que avistou, levaram o jornalista-autor a compor *Do Amor e Outros Demônios* “quase meio século depois” em que ele havia feito a reportagem. (MÁRQUEZ, 2009, p. 10).

O romance apresenta cenas de um realismo fantástico e envolvente e discorre sobre um curto período da vida de Sierva María de Todos los Ángeles, iniciando o relato a partir dos preparativos do 12º aniversário da menina (dia 7 de dezembro) e estendendo a narrativa até o dia de sua morte (29 de maio). Sierva María é, sem dúvida, a personagem mais importante da obra e é apresentada como uma menina branca, de longos cabelos ruivos, criada entre os escravos negros da sua fazenda, filha única do marquês de Casaldueiro, Dom Ynacio de Alfaro y Dueñas, com sua segunda esposa (filha de um capataz do pai de Ynacio), a mestiça Bernarda Cabrera, a qual sempre enjeitou sua filha Sierva. O pai, oriundo de uma família tradicionalmente católica, abandonou os costumes religiosos (ir à missa, comungar etc.) por causa de uma tragédia que ocorreu com sua primeira esposa, dona Olalla de Mendonza, a qual foi atingida por um raio e morreu instantaneamente. A mãe de Sierva era uma jovem filha de índio, que seduziu e manteve relações sexuais com o velho marquês, visando obter ganhos materiais e poder, uma vez que Bernarda era uma plebéia ambiciosa. Cabrera, quando se casa com o marquês e passa a gozar das regalias do marido, desenvolve vícios que desviam a conduta humana na sociedade: luxúria (associada à relação extraconjugal que mantinha com o escravo alforriado Judas Iscariotes), gula (abusava do mel fermentado e da barra de cacau), vaidade (tomava muitos banhos com sabonetes perfumados), ira (tinha ódio da filha), avareza (ostentava seus bens materiais investindo no seu amante, que representava uma espécie de troféu). Tais vícios fazem parte do que chamamos de pecados capitais e estes, além dos outros dois não mencionados, mas que aparecem na obra: preguiça (o comportamento de dom Ynacio) e inveja (as religiosas clarissas cobijavam os pertences da marquesinha). Então, diante do comportamento de Bernarda Cabrera e do descaso por sua filha, ela acaba deixando que a menina seja cuidada pela governanta da mansão, a escrava Dominga de Adviento, a qual conduziu a educação de Sierva María e iniciou a marquesinha na religião de matriz africana.

Mas detenhamo-nos sobre o passeio de Sierva María na feira no dia dos seus anos, no mesmo dia em que ela foi mordida no tornozelo esquerdo por um cão raivoso. A mordida é o que desencadeia todo o desenvolvimento da

história, não sendo definido, portanto, se a doença do animal a levou a óbito ou se ela morreu por amor ao padre Cayetano Delaura, o qual fora incumbido pelo bispo De Cárceres y Virtudes para exorcizar os demônios que, segundo a Igreja, possuía o corpo de Sierva María. A mordida do cão na perna da marquesinha cria uma torrente de fatos que precisam ser compreendidos no conjunto da obra. Primeiramente é afirmado que o animal, ao mordê-la, transmitiu raiva a ela e a três pessoas mordidas pelo mesmo cachorro, sendo que duas desapareceram e um “morrera de raiva na terceira semana. Havia um quarto que não foi mordido, mas apenas salpicado pela baba do mesmo cachorro, e estava agonizando no hospital do Amor de Deus” (MÁRQUEZ, 2009, p. 25). Esse episódio se dá, provavelmente, no século XVIII<sup>2</sup> e revela a mentalidade da sociedade da época que não tinha uma medicina avançada para lidar com a doença e era entendido que a raiva estava relacionada às ações malignas<sup>3</sup>, sendo capaz de “causar dano à honra da família” (p. 23): “– Digam o que disserem os médicos – falou [o bispo] –, a raiva nos humanos costuma ser uma das muitas astúcias do Inimigo.” (p. 86).

Então como enfrentar a doença do animal possivelmente causada em Sierva María? É com essa especulação na consciência interna que o marquês vai procurar respostas e tratamento na medicina e na religião, julgando, por fim, que o caminho mais indicado era o da religião, já que a raiva não tinha cura<sup>4</sup>. Sierva María, antes das providências do seu pai, submeteu-se ao tratamento nos rituais de sua religião africanista, obtendo, com isso, uma visível melhora: “a ferida estava seca e não ficara nem escoriações” (p. 86). Mas, inconformado e com receio de perder a filha, dom Ynacio procura o médico judeu que conhe-

<sup>2</sup> “Em *Do amor e outros demônios*, publicada em 1994, García Márquez prossegue a exploração imaginativa da história latinoamericana. Nesta ocasião, se adentra no século dezoito e na encruzilhada no mundo colonial americano e caribenho da cultura branca, européia e cristã e a cultura negra, africana e pagã.” (PAGÁN, 1996, p. 134). [grifos meus].

<sup>3</sup> No período clássico e medievo muitos não tinham discernimento sobre o vírus da raiva, a histeria e a possessão de espíritos separadamente, de tal modo que “a Igreja Católica Romana, por meio da Inquisição, investigava e reconhecia os casos de bruxaria e mandava para a fogueira todos aqueles que se comportavam historicamente. Durante mais de dois séculos, a caça às bruxas fez muitas vítimas, mesmo a opinião médica se opondo contra essa concepção demoníaca da possessão.” (BELINTAN, 2003, p. 56-69).

<sup>4</sup> Tem-se nos registros da medicina do século XXI casos de cura do vírus causador da raiva ou hidrofobia. No ano de 2004, nos EUA, observou-se o primeiro caso de cura da doença no mundo, por meio do processo de sedação profunda (coma induzido) e uso de antivirais. Esse tratamento médico passou a ser denominado de Protocolo de Milwaukee e trouxe possibilidade de cura para uma enfermidade que há séculos era considerada letal. (BRASIL. Ministério da Saúde. 2009, p. 385-394).

cera, o doutor Abrenuncio de Sá Pereira Cão, para ter esclarecimentos e possível tratamento para a enfermidade que afligia Sierva María, mas esse último intento, no entanto, foi sem sucesso, pois Abrenuncio lhe afirmou que a raiva não tinha solução: “na longa história da humanidade [...] nenhum hidrófobo viveu para contar” ( p. 50).

Daí, então, dom Ynacio requisitou os serviços de outros médicos que abriram o ferimento, colocavam cataplasmas cáusticas, sanguessugas, nada adiantava. O marquês procurou barbeiros os quais usaram a urina como tratamento, mas nem isso bastou. O pai de Sierva María buscava várias saídas para a doença, recorrendo, em última instância, às práticas religiosas de uma índia curandeira sincrética<sup>5</sup> chamada Sagunta. Mas todas essas ações provocam uma série de distúrbios físicos e emocionais na menina, de tal modo que o caso vem a público e ao conhecimento da Igreja Católica que interpreta isso como uma possessão demoníaca, levando em consideração o fato de Sierva María ser praticante de cultos africanos, o que era abominável para o Santo Ofício.

Diante disso, o bispo diocesano, dom Toribio de Cárceres y Virtudes pressiona e manda que o velho marquês interne Sierva María no convento das irmãs clarissas e deixe a menina “possuída” sob os cuidados delas. E, assim procedendo, Sierva é entregue no convento e é recebida como *persona non grata*, por apresentar as astúcias do demônio, segundo a abadessa das clarissas, Josefa Miranda. Dom Toribio encarrega padre Cayetano Delaura para realizar o exorcismo de Sierva, mas durante a observação e convivência com ela, Delaura nota que não há nada de mal com a menina e ambos acabam se envolvendo numa paixão entre versos e sonhos de uma vida juntos, enlaçados pelo matrimônio. O padre relata isso ao bispo e este fica indignado com esse acontecimento, assim como ficou a Igreja ao saber disso, de tal maneira que o Tribunal do Santo Ofício condenou Cayetano aos serviços de enfermagem no hospital do Amor de Deus, que era um lugar infestado de vítimas da lepra. O bispo mandou um segundo exorcista para tomar conta do caso de Sierva, o Padre Tomás de Aquino de Narváez, um especialista nesse tipo de ritual, mas que, repentina e misteriosamente, morreu afogado dentro de um poço. Transornado com isso, o próprio bispo resolve realizar o exorcismo, travando uma batalha física e espiritual intensa com o demônio que diziam haver possuído

<sup>5</sup> Apresento essa personagem como sincrética porque ela inclui em suas práticas de curandeirismo indígena um elemento do catolicismo, a oração de Santo Huberto contra as mordeduras de cães raivosos. (MÁRQUEZ, 2009, p. 78).

Sierva María. Isso, no entanto, provocou mais escândalos na Igreja e o Cabido Eclesiástico mandou cessar o ritual.

Com a cabeça raspada, metida numa camisa de força, visivelmente abatida, com a saúde cada vez mais debilitada e ressentindo a falta do seu amado padre Delaura, com o qual desejava casar, Sierva María de Todos los Ángeles resistiu viva até o dia 29 de maio, depois de três meses de cativo, ela faleceu e a promessa de manter os cabelos até a noite do casamento<sup>6</sup> ressurgia, pois “os fios de cabelo brotavam-lhe como borbulhas no crânio raspado e era possível vê-los crescer” (MÁRQUEZ, 2009, p. 221). E, assim, Sierva María deixava a vida sem raiva e com a esperança do amor.

**Ilustração 1** – A personagem Sierva Maria de Todos los Ángeles, numa das cenas do filme *Del Amor Y Otros Demonios*, lançado em 2009.



Foto: Divulgação

Essa narrativa poética de García Márquez, sem dúvida, faz um recorte histórico do período da colonial na América Latina e apresenta uma mistura de religiosidade cristã com rituais africanos que, mais adiante, será apresentada

<sup>6</sup> “Numa manhã de chuvas tardias, sob o signo de Sagitário, nasceu de sete meses, e mal, Sierva Maria de Todos los Ángeles. Parecia uma rãzinha desbotada, com o cordão umbilical enrolado no pescoço, quase a estrangulá-la. – É mulher – disse a parteira. – Mas não vai viver. Foi então que Domingo de Adviento prometeu a seus santos que se lhe fosse concedida a graça de viver não se cortaria o cabelo da menina até a noite do casamento. Mal acabava de fazer a promessa a criança começou a chorar.” (MÁRQUEZ, 2009, p. 65).

como sincretismo. “O tema do *sincretismo*, [...] se torna cada vez mais evidente na nossa realidade religiosa e social e, na verdade, sempre foi e será uma experiência concreta das comunidades” (MAGALHÃES, 2009, p. 23-24). Diante disso e das fusões religiosas evidentes na literatura márqueziana, faz-se necessário compreender e tornar compreensível o sincretismo e seus significados em *Do Amor e Outros Demônios*.

## O SINCRETISMO RELIGIOSO NA OBRA

*Uma das análises mais frequentes sobre o romance Do amor e outros demônios, de Gabriel García Márquez, refere-se às relações extraliterárias que se utilizam de sua obra para elucidar aspectos relacionados ao sincretismo e a intolerância religiosa em concomitância ao processo de miscigenação da cultura latino-americana, além, é claro, da recorrência das análises que exploram o realismo fantástico. (ASSIS, 2005).*

É importante observar o sincretismo religioso neste romance de Gabriel García Márquez, porque ele nos fornece um registro do processo de integração entre várias culturas desde o período colonial das Américas. Ao observarmos a presença da cultura indígena, africana e hispânica em *Do Amor e Outros Demônios* podemos ver as características existentes nesses grupos humanos, pois nenhum deles se constitui cultural ou etnicamente livre das influências de outrem. Isso, sem dúvida alguma, é resultado da polifonia bakhtiniana<sup>7</sup>, pois o texto de García Márquez revela a presença de várias vozes culturais e nessas vozes vemos as peculiaridades religiosas do contexto em que se encontram inseridas as personagens.

Estejamos longe de pensar sincretismo de forma simplista e reducionista, apenas como sobreposição de um elemento a outro, como máscara colonial, pois não é isso que se pretende aqui<sup>8</sup>. Antes de observar o sincretismo na obra *Do Amor*

<sup>7</sup> Em literatura, polifonia é, segundo Mikhail Bakhtin, a presença de vários discursos dentro de um, é o resultado da experiência do autor com vários contextos que lhe inspiraram ou influenciaram na sua produção literária. “O objeto das intenções do autor não é, de maneira alguma, esse conjunto de ideias em si como algo neutro e idêntico a si mesmo. Não, o objeto das intenções é precisamente a realização do tema em muitas e diferentes vozes, a multiplicidade essencial e, por assim dizer, inalienável de vozes e a sua diversidade. (2006, p. 199).

<sup>8</sup> Em *Sincretismo: uma exploração hibridações culturais*, Massimo Canevacci (1996) trata sobre a problematização do significado de sincretismo, que por muito tempo esteve disfarçado com sinônimos elegantes, mas que ora podem ser conflituosos para a compreensão do termo em questão. Na verdade, o que o autor observa em sincretismo é um convívio lado a lado das culturas diversas, longe das sínteses reducionistas ou da mascaração de uma cultura em detrimento de outra.

e *Outros Demônios* é muito necessário tomar conhecimento dos usos e sentidos que este conceito possui. O antropólogo Sérgio Ferretti (1995, p. 90), ao analisar os aspectos das religiões afro-brasileiras, demarcou alguns sentidos básicos para o termo sincretismo, a saber: 1) junção (= união); 2) fusão (= ligação); 3) mistura (= amálgama); 4) paralelismo (= semelhança); 5) justaposição (= sobreposição); 6) convergência (= reunião); 7) adaptação (= acordo). Como alguns desses significados relacionam-se entre si e considerando a possibilidade de termos “um caso zero e hipotético de não-sincretismo, teremos então: 0 – separação, não-sincretismo (hipotético), 1 – mistura, junção ou fusão, 2 – paralelismo ou justaposição, 3 – convergência ou adaptação. (p. 91). Agora partindo para a apreciação destes conceitos na referida obra, veremos a fusão de elementos religiosos antagônicos, porque “em *Do Amor e Outros Demônios* os dogmas, ritos e símbolos de origem cristã se mesclam confusamente com os de origem africana. Neste sentido, é uma história que exige uma leitura teológica”. (PAGÁN, 1996, p. 136).

Um caso de separação, não-sincretismo (*hipotético*) pode ser encontrado nas características de Sierva María, que, segundo o narrador, “aprendeu três línguas africanas ao mesmo tempo, a beber sangue de galo em jejum e a esgueirar-se entre os cristãos sem ser vista, nem pressentida, como um ser imaterial” (MÁRQUEZ, 2009, p. 66). Considerando o fato de Sierva ter se dedicado livremente ao aprendizado e participação de cultos africanos, sem envolvimento com as vertentes do Cristianismo, verifica-se, então, um caso de não-sincretismo apenas hipotético, pois não podemos desconsiderar que “o sincretismo é um fenômeno que existe em todas as religiões, [...], quer gostemos ou não” (FERRETTI, 1995, p. 91), que é inegável a fusão das representações religiosas entre as tribos africanas e que o produto disso deu origem as religiões de matriz africana na América Latina.

Em *Do Amor e Outros Demônios* é interessante notar um caso de sincretismo na personagem Sagunta, uma velha índia que andava descalça e empacotada dos pés a cabeça e tinha um cajado como apoio. Possuía a “má fama de remendadora de cabaços e aborteira, mas compensava-a com a virtude de conhecer o segredo dos índios para fazer sarar os desenganados” (MÁRQUEZ, 2009, p. 24). Sagunta dizia que era a única que tinha a receita mágica para curar os infectados com o mal da raiva e para isso ela utilizava a oração de Santo Huberto<sup>9</sup>. Quando a índia foi chamada por Ynacio para tratar de Sierva Ma-

<sup>9</sup> Santo católico de origem belga, que viveu no século VIII. É patrono dos caçadores, invocado para curar as mordeduras de cães e a raiva. (VALENTE, 2006).

ria, a curandeira passou unguento indígena no corpo da menina e, em seguida, berrava a oração de Santo Huberto. (p. 25; p.78). Diante das exposições, verifica-se, assim, a presença de um sincretismo com significado de mistura, junção ou fusão, pois a índia curandeira, para combater o mal da raiva, faz uma associação de um elemento de origem católica (oração de Santo Huberto) com as fórmulas mágicas (unguentos) de sua tradição religiosa indígena (pajelança ameríndia). Trata-se, pois, de uma das práticas do catolicismo popular, mas se for observar esse fenômeno dentro da classificação sociológica sobre a diversidade do catolicismo no Brasil, poderíamos dizer que Sagunta é uma praticante de um catolicismo misturado com magias e crenças indígenas<sup>10</sup>.

O marquês dom Ynacio é outra figura que revela um sentido de sincretismo. Mesmo sendo católico de formação e tradição (ainda que ele tenha deixado de praticar sua a fé após a morte de sua primeira esposa), deixou-se seduzir pela arte divinatória (quiromancia) de uma mestiça, com a qual viera casar-se dois meses depois quando ele soube que ela estava grávida:

*Uma tarde em que Bernarda o encontrou na rede do pomar, leu o destino escrito na palma de sua mão esquerda. O marquês se impressionou tanto com os seus acertos que continuou chamando-a na hora da sesta [...]. Tomou-a ela em seu lugar. Montou de assalto na rede e o amordaçou com as fraldas do camisolão que ele vestia, até deixá-lo exausto. Então o fez reviver com um ardor e uma sabedoria que ele nunca imaginaria nos prazeres insípidos de seus amores solitários, e o despojou sem glória de sua virgindade. [...] Continuaram fazendo amor na sesta [...]. Bernarda o tirou da pasnaceira com a novidade de que estava grávida de dois meses. [...].*

*Dois dias depois, o vigário de uma igreja próxima oficiou a boda, presente os pais dela e os padrinhos de ambos. (MÁRQUEZ, 2009, p. 63-64).*

No caso acima o que se encontra é um sincretismo com sentido de paralelismo ou justaposição, pois a quiromante Bernarda Cabrera recebe créditos do marquês de Casaldueiro e este, por sua vez, acaba casando com a mestiça mística na Igreja Católica, estabelecendo, assim, uma relação sincrética de equivalência entre os credos dos dois indivíduos (Ocultismo e Catolicismo).

O sincretismo com sentido de paralelismo também é notável na figura de Dominga de Adviento, “uma negra de lei que governou a casa com pulso de

<sup>10</sup> Ao observar a diversidade do fenômeno religioso no Brasil, Maria Isaura Queiroz classifica em sete os tipos de catolicismo: catolicismo oficial; catolicismo cultural; catolicismo popular; catolicismo misturado com magias e crenças indígenas; catolicismo associado aos cultos africanos; catolicismo reunido ao espiritismo; e catolicismo em sincretismo com o espiritismo e os cultos africanos. (QUEIROZ, 1985).

ferro até a véspera de sua morte [...]. Tornara-se católica sem renunciar a sua fé yorubá, e praticava as duas ao mesmo tempo, sem ordem nem acordo.” (MÁRQUEZ, 2009 p. 19). Este fragmento deixa muito claro a noção de um sincretismo que põe duas formas de religiosidade em equivalência, sem que uma sobreponha a outra, pois Dominga “praticava as duas ao mesmo tempo”, cultuava tanto os orixás como os santos católicos. Esta forma de sincretismo quem sabe venha a ser uma “estratégia de resistência do negro para a sobrevivência de sua religião” (FERRETTI, 1995, p. 89) diante da perseguição do Tribunal do Santo Ofício na época em que a obra nos remete (século XVIII).

O relacionamento afetivo-amoroso do Padre Cayetano Delaura com Sierva María inevitavelmente desemboca no sincretismo, pois o sacerdote passa a comungar das ideias, do cotidiano da menina e desconfia de que ela esteja possuída pelo demônio. Delaura é o personagem da obra que melhor entende a cultura do outro, é um homem letrado (bibliotecário), talvez até a frente do seu tempo, pois sabia conviver, tolerar e incorporar a religiosidade alheia, até como uma forma de compreender a dimensão da fé. Isso é muito evidente quando Cayetano aceita de Sierva um colar de orixá, o que não é apenas um presente de sua amada, mas um símbolo religioso que representa a aceitação e respeito pela cultura religiosa do outro (candomblecista), sem jamais perder a sua religiosidade (católica). Padre Delaura, assim como Dominga de Adviento e dom Ynacio, completa a tríade dos personagens que apresenta um sincretismo com sentido de paralelismo ou justaposição: “Antes de sair, Sierva María o presenteou com um colar de Odudua: dezoito polegadas de contas de nácar e coral” (MÁRQUEZ, 2009, p. 189).

Somente no aspecto simbólico-ritualístico e não psicológico da personagem Sierva María encontra-se o sincretismo como paralelismo, pois, por ordem de Dominga, colocavam colares de candomblé no pescoço da menina, por cima do escapulário de batismo (IDEM, p. 20-21) e a governanta batizou Sierva na Igreja Católica e consagrou a marquesinha a Olokun. Eis aí um caso de sincretismo de correspondência entre símbolos e rituais de credos diferentes (cultivado por Dominga de Adviento), mas que nada tem a ver com as práticas religiosas de Sierva – essas práticas sincréticas talvez até fossem abomináveis para ela que cultuava exclusivamente sua religião de matriz africana –.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Para Antônio Magalhães, este “sincretismo entre o batismo cristão e a religiosidade africana, será o segundo mundo espiritual o que prevalece como doador de identidade e poder de resistência, ficando o primeiro como repressor e algoz da vida” (MAGALHÃES, 2008, p. 6).

O escapulário e os colares de candomblé colocados em Sierva María representam outro tipo de sincretismo, um sincretismo com sentido de convergência ou adaptação, pois tanto para a religião africana quanto para a católica, é concebível o uso de símbolos de proteção e nesse aspecto os colares e o escapulário se convergem. Fora isso, o sincretismo com sentido de confluência é perceptível, também, na ideia de matrimônio que existe nas religiões e religiosidades presentes na obra: dom Ynacio (católico) casa-se com Bernarda (quiromante de tradição indígena); Sierva (candomblecista) e Padre Cayetano Delaura (católico) desejam se casar.

O sincretismo assume, portanto, características diversas em *Do Amor e Outros Demônios*, sendo que a reflexão sobre esse conceito começa a partir do momento em que dom Ynacio confere poderes administrativos de sua casa a uma negra de religião iorubana, Dominga de Adviento, logo após a morte de sua primeira esposa, dona Olalla de Mendonza. Durante o período do primeiro casamento, a tradição católica do segundo marquês de Casaldueiro parecia bem sólida, mas essa formação religiosa vem a ser reconfigurada e ressignificada com a inserção do negro, e também do indígena, nos espaços dos nobres de descendência europeia.

Essa discussão sobre sincretismo na obra de Gabriel García Márquez, sem dúvida, revela-nos um diálogo inter-religioso, leva-nos a refletir “sobre a nossa própria tradição, tão dependente de interpretações construídas sobre outros sincretismos, em outros contextos” (MAGALHÃES, 2009, p. 24), e nos coloca diante dos rastros das experiências religiosas (sincréticas e dinâmicas) dos povos da América Latina, que se reatualizam e ressignificam ao sabor do tempo.

## SIERVA MARÍA NA TEIA DOS SENTIDOS

*Era 7 de dezembro, dia de Santo Ambrósio, bispo, e a música e a pólvora troavam no pátio dos escravos em honra de Sierva María. [...] O barulhento pátio dos escravos, onde se festejavam os aniversários de Sierva María, tinha sido outra cidade no tempo do primeiro marquês. [...] Dominga de Adviento a amamentou, batizou em Cristo e consagrou a Olokun, divindade ioruba de sexo incerto, cujo rosto se presume tão temível que só se deixa ver em sonhos, e sempre de máscara. [...] Lhe davam banho com águas propícias, a purificavam com verbena de Iemanjá [...]. (MÁRQUEZ, 2009, p.18-17, 65-66). (grifos meus).*

Todas as personagens da obra *Do amor e outros demônios*, sem dúvida, são plurissignificativas, mas Sierva María de Todos los Ángeles, que além de ser a principal, é a que desperta, de imediato, o raio de nossas atenções. Por meio das características e atribuições apontadas pelo Gabriel García Márquez, podemos inferir que a figura de Sierva María não se encerra na tessitura do texto literário e apresenta excedentes hermenêuticos que nos remetem ao contexto e a história das religiões.

Ao observar os elementos descritivos de Sierva María, encontramos, primeiramente, a seguinte tríade relacional: o nome da personagem, a data de nascimento dela e o dogma mariano da Igreja Católica: a concepção da Mãe de Jesus como virgem sem mácula (mancha) do pecado original<sup>12</sup>.

O texto mostra claramente que Sierva nascera no dia 7 de dezembro (IDEM, p. 17-18), ou seja, às vésperas do dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, 8 de dezembro, feriado nos países onde o catolicismo é religião oficial. Mas o quê isso tem a ver com Sierva María? Vejamos as aproximações dos sentidos: a personagem se chama Sierva María de Todos los Ángeles, o que nos faz lembrar de uma jovem descendente da Casa Real de Judá, chamada Maria, que recebeu a visita do arcanjo Gabriel e o anúncio de que seria ela a mãe do Filho de Deus, o prometido Messias (ou Cristo)<sup>13</sup>. Além disso, também vemos que o nome da personagem do romance márqueziano nos remete a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que é *envolvida por uma legião de anjos*; a mesma Senhora Imaculada que é festejada pelos católicos um dia após o aniversário de Sierva María.

<sup>12</sup> Na Constituição Apostólica escrita pelo Papa Pio IX, bula *Ineffabilis Deus*, publicada no dia 8 de dezembro de 1854, o Sumo Pontífice proclama a “Imaculada Conceição da Virgem Mãe de Deus como dogma da fé católica” (PIO IX, 1947). Destarte, a Igreja de Roma consagrou o dia 8 de dezembro ao culto solene de Nossa Senhora da Conceição, para que a “definição da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria seja conhecida de toda a Igreja.” PIO IX, 1947.

<sup>13</sup> Ver Bíblia, Novo Testamento (Lc 1:26-56, 2:1-52; Mt 1:2).

**Ilustração 2** – A Imaculada Conceição dos Veneráveis ou a Imaculada de Soult (1678), de Bartolomé Esteban Murillo.



**Foto:** Pablo Alberto Salguero Quiles

Mas não é somente o dia natalício e o nome de Sierva que desencadeiam essas associações com Maria, a Imaculada Conceição. No texto de García Márquez subentende-se que: (a) Sierva María manteve-se sem a mácula do pecado original (= sexo), ou seja, virgem até o dia que fosse casar com Delaura (Márquez, 2009, p. 192), o que infelizmente não aconteceu; (b) a jovem de 12 anos desejava desposar-se com Padre Cayetano Delaura, um homem de 36 anos (alguma comparação com José, o esposo de Maria!); (c) Sierva, segundo os fatos extraliterários, é tida como santa pelos povos caribenhos e tem a fama de operar coisas miraculosas<sup>14</sup>. Então, diante dessas exposições, é muito possível estabelecer relações semânticas entres essas duas Marias.

Outro aspecto relevante que merece uma abordagem hermenêutica é a consagração de Sierva María de Todos los Ángeles ao orixá yorubano Olokun:

<sup>14</sup> No prefácio da obra *Do amor e outros demônios*, García Márquez ao encontrar o cadáver de Sierva María com um cabelo crescido em 22 metros, relembra a história que contava sua avó sobre essa jovem: “minha avó me contava em menino que a lenda de uma marquesinha de doze anos cuja cabeleira se arrastava como a cauda de um vestido de noiva, que morreu de raiva causada pela mordida de um cachorro, e que era venerada no Caribe por seus muitos milagres.” (MÁRQUEZ, 2009, p. 12). (grifos meus).

“Dominga de Adviento a amamentou, batizou em Cristo e consagrou a Olokun” (MÁRQUEZ, 2009, p. 65). No contexto das religiões de matriz africana do Brasil, costuma-se dizer que há influências dos orixás nas pessoas. Segundo o Bábálorisá<sup>15</sup> Eduardo De Lascio,

*o orixá são seres divinos, criados por Olorun, nosso Deus único, que o auxiliaram na criação do universo e de todos os seus componentes. A partir daí, eles ganha a função de intermediários entre o criador e a criatura. É através deles que podemos tentar chegar um pouco mais perto de Deus, se isso não for muita pretensão para nós, meros mortais. [...] Segundo os yorubás, os orixás são os donos da nossa cabeça, ou “ori”, e nossos protetores individuais (DE LASCIO, 2000, p. 27).*

Então, conforme afirma De Lascio, reforça-se a ideia de que o orixá responsável pela “ori” de cada pessoa imprime nos seres humanos suas características elementares, sendo assim, podemos dizer que Sierva María concentra os caracteres e personalidades do orixá ao qual ela foi consagrada: Olokun. Além de ser uma “divindade ioruba de sexo incerto, cujo rosto se presume tão temível que só se deixa ver em sonhos, e sempre de máscara” (MÁRQUEZ, 2009, p. 65), Olokun é filho de Olorun (Deus supremo dos yorubás), pouco conhecido na nação brasileira, porém muito difundido e cultuado no continente africano. No Candomblé do Brasil não se prepara nenhum aspirante para receber este orixá, mas ele é reverenciado e assentado<sup>16</sup>, assim como acontece com outros orixás, como Odudua, Orunmilá (ALBERTO JÚNIOR, 2012). Do yorubá ao português, “Ol” quer dizer “senhor” e “okun” significa “mar”, então, de acordo com a tradição yorubana, Olokun é o “senhor dos mares, das profundezas dos oceanos”:

*No Benin é considerado como do sexo masculino e em Ifé como sendo do sexo feminino, divindade do mar. Proprietário/a (Olo) dos Oceanos (Okun). Olokun é o Orixá Senhor do mar, é andrógino, metade homem e metade-peixe, de caráter compulsivo, misterioso e violento. Tem a capacidade de transformar. É assustador quando irritado. Na natureza é simbolizado pelo mar profundo e é o verdadeiro dono das profundezas do presente, onde ninguém jamais esteve. Representa os segredos do fundo*

<sup>15</sup> O mesmo que Bábà, Zelador ou Pai-de-santo, sacerdote comum nas religiões de matriz africanas brasileira. É quem detém o maior cargo hierárquico nessas religiões, sendo responsável não só pelo local de culto (Terreiro, Inzó, Abassá, Barracão, Seara, Ilê), mas também pela iniciação de novos adeptos nesses cultos e outras funções próprias dessa entidade religiosa.

<sup>16</sup> Cada orixá ocupa um lugar específico nas Casas-de-Santo (Terreiros), mas para isso é realizada uma cerimônia de preparação e afixação dos objetos sagrado de cada entidade espiritual num determinado compartimento, simbolizando, assim, a entronização do orixá no seu altar. A esse ritual damos o nome de assentamento.

*do mar; como ninguém sabe o que está no fundo do mar, apenas Olokun. Também representa a riqueza do fundo do mar e da saúde. Olokun é um dos Orixás mais perigoso e poderoso do culto aos Orixás. (ALBERTO JÚNIOR, 2012). (grifos meus).*

**Ilustração 3** – Peça em ferro de Olokun.  
[autor desconhecido].



**Foto:** Divulgação. Disponível em: <<http://www.centroanastacia.com/news/santaria-olokun.htm>>. Acesso em: 30 abr 2012.

Se considerarmos o arquétipo de Olokun, veremos as influências desse orixá sobre a personalidade de Sierva María, pois se crê sobre a existência de um orixá fundamental que rege a vida de cada ser humano e que estende suas características sobre cada um de seus filhos (DE LASCIO, 2000, p. 27). Dessa maneira, é possível notar Sierva María manifestando as certas peculiares próprias de Olokun (o orixá ao qual foi dedicada), conforme se atesta na obra de García Márquez (2009):

- a) **Misteriosa:** “seu modo de ser era tão misterioso que parecia uma criatura invisível. Assustada com tão estranha condição, a mãe lhe pendurava uma campainha no pulso para não perder o seu rumo na penumbra da casa” (p. 21); “não é que a menina seja negação para tudo, o que há é que ela não é deste mundo” (p. 68).

- b) **Mutável** (tem a capacidade de se transformar): “cantava com vozes diferentes da sua nas diversas línguas da África, ou com vozes de pássaros e animais, que desconcertava os próprios negros” (p. 20); “aprendeu [...] a esgueirar-se entre os cristãos sem ser vista nem pressentida, como um ser imaterial” (p. 66); “imitava vozes de alémtúmulo, vozes de degolados, vozes de monstros satânicos” (p. 106).
- c) **Violenta, perigosa, assustadora quando irritada**: “quando a outra [noviça] tentou arrebatá-la os colares, [Sierva] saltou como uma cobra e deu-lhe na mão uma mordida instantânea e certa” (p. 96); “a reação de Sierva María foi feroz. Por uma contrariedade banal, arranhou a cara da guardiã, fechou-se com a tranca e ameaçou pôr fogo na cela e incinerar ali se não a deixassem ir embora. [...]. Como única resposta, Sierva María tocou fogo no colchão com a lamparina do Santíssimo” (p. 205); “Sierva María conseguiu livrar uma perna e desfechou com o calcanhar um golpe no baixo-ventre do bispo, que o fez cair” (p. 220).
- d) **Compulsiva, irrefreável**: “várias noviças a rodearam para admirar seus colares. Sierva María se encabritou. Com um repelão, tirou de cima as guardiãs que tentavam subjugar-las. Subiu na mesa, correu de uma ponta a outra gritando como uma possessa de verdade que não se deixaria dominar” (p. 104) “Sierva María, fora de si pelo terror, gritou também. O bispo alteou a voz para fazê-la calar, mas ela gritou com mais força.” (p. 196).

Todavia, as associações e as interpretações que se pode obter a partir da personagem Sierva María não se esgotam aqui; indo mais nessa expedição hermenêutica, notamos que Olukun, o orixá da marquesinha, é pai da deusa yorubana Iemanjá<sup>17</sup>, entidade muito venerada no Brasil e que, em algumas capitais brasileiras, é festejada no dia 8 de dezembro<sup>18</sup>. Mas o que tem Iemanjá a

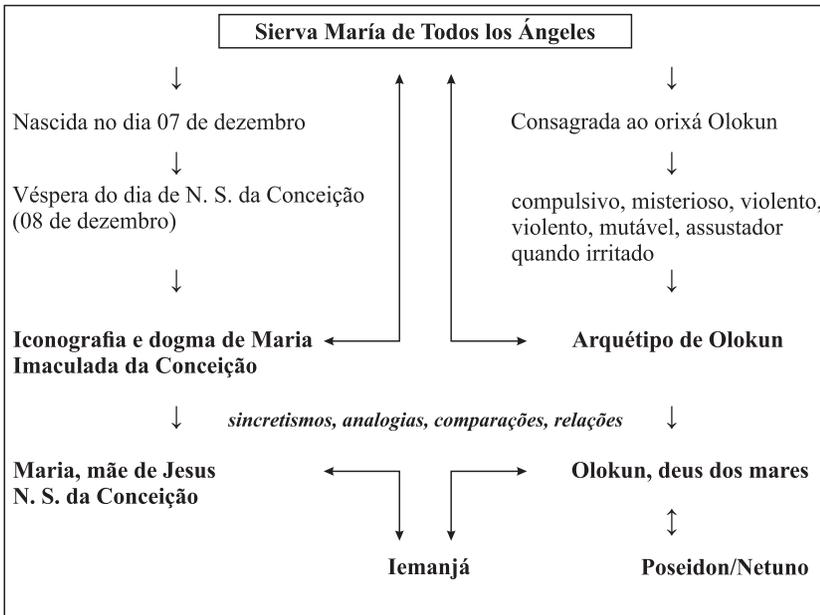
<sup>17</sup> Segundo o Bàbálórísá Eduardo De Lascio, “Na África, o orixá que reina nos oceanos é Olokun e, segundo consta, é o pai de Yemonjá. Ela por sua vez, fixou seu reinado no lagos (de água doce e salgada), enseadas, quebra-mares e na junção entre rios e mares (pororoca). No Brasil, Olokun é praticamente desconhecido, ao passo que Yemonjá é a grande senhora dos mares.” (DE LASCIO, 2000, p. 125).

<sup>18</sup> “Além das festas de 2 de fevereiro e 8 de dezembro, e outras datas regionais, Iemanjá é louvada numa grande festa à beira-mar na passagem do ano, em 31 de dezembro” (VALLADO, 2002, p. 166).

ver com essa rede de significação? Ora, “a identificação de Yemanjá com Nossa Senhora da Conceição é, pelo menos atualmente, a identificação dominante. Por esta razão, a data festiva de Yemanjá também pode ser o 8 de dezembro [...]” (BARBOSA; FREITAS; HENRY, 1988).

Não se tem aqui a pretensão de comparar Sierva María com Iemanjá, mas sim de dizer que nas relações hermenêuticas estabelecidas (Sierva María ↔ Maria Imaculada / Olokun ↔ Sierva María), este orixá surge com uma terceira pessoa subentendida no texto que se relaciona, sincreticamente, com figura de Maria Imaculada da Conceição, assim como Poseidon<sup>19</sup>, o deus grego do mar e dos terremotos, pode apresentar semelhanças e analogias com o deus yorubano Olokun, uma vez que este rege os mesmos domínios daquele.

Para levar a cabo as interpretações geradas a partir da personagem Sierva María de Todos los Ángeles, vejamos abaixo o quadro sinóptico que retoma e elucida as análises apresentadas nesse eixo temático:



<sup>19</sup> “O conhecido deus grego dos mares Poseidon (Netuno, para os romanos) era um dos irmãos diretos de Zeus, filho de Chronos e Rhea. Geralmente é representado com um tridente e é levado por uma carruagem puxada por cavalos marinhos ou hipopótamos. Poseidon era tido como o senhor da ilha de Atlântida e responsável pelos maremotos, terremotos e tempestades. [...]. A principal conotação da água na lenda de Netuno é novamente o duplo sentido como fonte de vida *versus* poder destrutivo.” (FORTES JÚNIOR, 2006, p. 25).

As abordagens hermenêuticas arroladas neste texto, decerto, não são as únicas que podemos obter da personagem Sierva María, que é, sobretudo, um ser polifônico, capaz de revelar muitas vozes para a compreensão do nosso contexto histórico, social, cultural e, principalmente, religioso. Ao vivenciarmos o outro<sup>20</sup>, ainda que este esteja inscrito numa obra literária, desempenhamos uma atitude reflexiva de avaliação da nossa própria vida, dos nossos próprios valores morais, éticos, religiosos. E isso nos mostra o quanto somos híbridos, sincréticos e que cada um de nós, sem dúvida, existe um traço dessa jovem marquesinha que viveu entre o *amor e outros demônios*.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Eu choro em iorubá  
Mas oro por Jesus  
Para que que vassuncê  
Me tira a luz? (BUARQUE, 2012).

Para Fiorucci (2002), “o romance de García Márquez *Del amor y otros demonios* é mais um prodígio do escritor, [...] revelando-nos uma vez mais os vários temas que abarcam a América, criando mitos e destruindo lendas”, mostrando que a relação sincrética, religiosa e amorosa, estabelecida entre Cayetano e Sierva María, revela a estrutura, a organização e a identidade da nossa sociedade, além, é claro, de mostrar uma representação social dos deuses cultuados na América Latina. *Do amor e outros demônios* não é apenas uma viagem fantástica literária, mas é também um espaço de hermenêutica das religiões presentes no contexto atual<sup>21</sup>.

Na religião, o transcendente é suscetível de se manifestar, bem como na literatura (polissemicamente) e se as narrativas forem analisadas sob o viés her-

<sup>20</sup> No meu Trabalho de Conclusão de Curso apresento discussões sobre a dialogia e a polifonia de Mikhail Bakhtin, as quais nos levam a uma postura de espelhamento diante do outro (e dos outros) presente no texto literário: “a interação entre ser fictício e leitor é uma atitude reflexiva de avaliação da nossa própria vida, dos nossos próprios valores” (SILVA, 2010, p. 12), porque nós “avaliamos [nossa vida] não para nós mesmos mas para os outros e através dos outros procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência”. (BAKHTIN, 2006, p. 31).

<sup>21</sup> Segundo Paul Ricoeur, “No âmbito da pesquisa filosófica, qualquer fé religiosa pode ser identificada por meio de sua linguagem ou, mais acuradamente, por meio de seu discurso... se qual for, enfim, a natureza da assim chamada experiência religiosa, ela sempre acaba em linguagem, é articulada por meio da linguagem e o local mais adequado para interpretá-la em seus próprios termos é o campo da expressão linguística.” (RICOEUR, 1995, p. 35).

menêutico, compreenderemos melhor as experiências religiosas presentes em nossa sociedade, uma vez que a “fé [...] sabe que sua história é sempre encarada como revelação por meio das memórias preservadas em narrativas” (CROATTO, 2010, p. 211).

Além disso, percebe-se que estrutura mítica religiosa, é preservada na literatura sulamericana, pois em nossa sociedade vemos muitos indivíduos semelhantes à personagem Domingas de Adviento, que se tornam católicos, mas não esquecem ou renunciam sua fé, seus deuses e suas tradições iorubanas e conseguem conciliar a prática dessas duas religiões ao mesmo tempo, sem que haja detrimento de uma em função da outra. (MÁRQUEZ, 2009, p. 19). Eis aí um retrato atual do sagrado, que é captado, reelaborado e reatualizado na literatura.

Em *Do amor e outros demônios*, vimos que “as personagens [...] dão a conhecer o seu interior no seu discurso; o que não dizem aos outros, falam para si, de modo que o leitor o saiba” (AUERBACH, 2002, p. 4), e, assim, foi feito nessa proposta de compreender alguns elementos estruturais desse registro literário que apresenta polissemias da nossa cultura.

A análise hermenêutica empreendida aqui está apresenta muito longe de chegar a uma discussão conclusiva, pois literaturas como as de Gabriel García Márquez, oferecem fôlego para um estudo mais acurado dos seus elementos constitutivos sob o olhar das ciências da religião, ainda há mais coisas a serem apreendido-percebidas nesse bosque!

## REFERÊNCIAS

ALBERTO JÚNIOR, Babalawo Ifawotunde. *Orixá Olokun*. Artigo. Coluna “Orumila Ifá”. Portal “Centro Cultural Brasil África”. Publicado em 08 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.ileaxeifaorixa.com.br/culturalbrasilafrika/>> Acesso em: 01.05.2012.

ASSIS, Adriana Carolina Hipólito de. *Palimpsesto amoroso em “Do amor e outros demônios”*. Portal Kplus. Matéria publicada em 01/07/2005. Edição n. 71. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=262&rv=Literatura>> Acesso em: 02.11.2011.

AUERBACH, Erich. *Mimeses: a representação da realidade na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARBOSA, Juvenal Maranhão; FREITAS, Abílio Xavier de; HENRY, Anaíza Vergolino. *Orixás das águas*. In: Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, 1988.v.7, n.28, p.79-83.

BELINTAN, Giovanni. *Histeria. Psic.* 2003. vol.4, n.2, p. 56-69.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Protocolo para tratamento de raiva humana no Brasil*. Epidemiol. Serv. Saúde. 2009. v.18, n.4, p. 385-394.

BUARQUE, Chico. *Sinhá*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/1932795/>. Acesso em: 29.01.2012.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo, Stúdio Nobel, 1996.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DE LASCIO, Eduardo. *Candomblé: um caminho para o conhecimento*. São Paulo: Cristális, 2000.

DEL amor y otros demônios. Direção de Hilda Hidalgo. Produção de Ana Piñeres. Costa Rica; Colômbia: Aliciafilms; CMO Producciones. 1 DVD (97 min.): sonoro, color. Espanhol. Ficção. 2009.

FERRETTI, Sérgio. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: EDUSP; São Luís: FAPEMA, 1995.

FORTES JÚNIOR, Hugo Fernando Salinas. *Poéticas líquidas: a água na arte contemporânea*. Tese de Doutorado em Artes da ECA/USP. São Paulo, 2006.

FIORUCCI, Wellington Ricardo. *Aproximações a García Márquez: Del amor y otros demônios*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2, São Paulo.2002. Associação Brasileira de Hispanistas, Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300065&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300065&script=sci_arttext). > Acesso em: 10.04.2012.

MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. *Identidade cultural e cristianismo em textos de Gabriel García Márquez*. 2º Colóquio Internacional da Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología. Outubro/2008.

Comunicações. Chile: ALALITE, 2008. Disponível em: <<http://www.alalite.org/files/chile2008/ponencias/Antonio%20Magalhaes.pdf>.> Acesso em: 16.12.2011.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Do amor e outros demônios*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MURILLO, Bartolomé Esteban. *A Imaculada Conceição dos Veneráveis ou a Imaculada de Sout (1678)*. Óleo sobre tela. Acervo do Museu do Prado (Madri/ESP). Fotografia de Pablo Alberto Salguero Quiles. Digitalizada em 29 fev. 2004. Disponível em: <http://>

commons.wikimedia.org/wiki/Main\_Page. Acesso em: 30.04.2012.

PAGÁN, Luis N. Rivera. *Mito, exílio y demonios*: literatura y teología en América Latina. Puerto Rico: Publicaciones Puertorriqueñas, 1996.

PIO IX, Papa [Giovanni Maria Mastai-Ferretti]. *Bula Ineffabilis Deus*: sobre a Imaculada Conceição de Nossa Senhora: 8 de dezembro de 1854. Petrópolis: Vozes, 1947.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados*: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

QUEIRÓZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.

RICOEUR, Paul. *Figuring the sacred*. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

SILVA, Marcel Franco da. *O precipício*: um tecido de muitas vozes. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa). Universidade do Estado do Pará. Belém: UEPA, 2010. 73 f. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2699389.pdf>>. Acesso em 01.12.2011.>

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas da narrativa*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VALLADO, Armando, *Iemanjá*: a grande mãe africana no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

VALENTE, Alexandre. *Santo Huberto padroeiro dos caçadores*. Artigo. Santo Huberto: portal do caçador [on line]. Publicado em: 03/11/2006. Disponível em: <[http://www.santohuberto.com/sh\\_conteudo.asp?id=762](http://www.santohuberto.com/sh_conteudo.asp?id=762)>. Acesso em: 01.12.2011.

*Recebido em 4/09/2012*

*Aceito em 9/09/2012*